

A venda de alimentos nas ruas paulistanas nos relatos dos memorialistas (1895-1915)

Food supply in São Paulo streets in memorialists reports (1895-1915)

João Luiz Maximo da Silva

Doutor em História Social pela USP

Professor de História da Gastronomia do Centro Universitário Senac

{joao.lmsilva@sp.senac.br}

Resumo

Este artigo pretende discutir questões relativas à alimentação e abastecimento na cidade de São Paulo entre finais do século XIX e começo do século XX a partir de relatos de memorialistas. Para isto enfocamos a produção de dois memorialistas deste período: Jorge Americano e Jacob Penteadó que trataram destes assuntos em seus livros de memórias enfocando locais distintos da cidade de São Paulo: a região central e o bairro do Belenzinho.

Palavras-chave: alimentação, abastecimento, memorialistas.

Abstract

This article discusses some questions related food supply in late nineteenth century e early twenty century São Paulo in a perspective of memorialists reports. We focused two memoirs writers in this period: Jorge Americano and Jacob Penteadó that discusses these matters in distinct areas of São Paulo city: downtown and Belenzinho.

Key words: food supply, food, memorialists.

Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade
Vol. 4 no 1 – setembro de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 2238-4200

Portal da revista Contextos da Alimentação: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/>

E-mail: revista.contextos@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

[Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

1. Introdução

As fontes oficiais dizem muito pouco a respeito do cotidiano paulistano entre os finais do século XIX e começo do século XX, principalmente no que diz respeito às suas formas de alimentação. Uma das fontes utilizadas são os relatos de memorialistas, que escreveram sobre suas infâncias e juventude, retratando o cotidiano da cidade nesse período. A narrativa memorialista sobre a cidade de São Paulo é bastante diversificada ainda que não tão numerosa. Vários estudos acadêmicos sobre a cidade, principalmente aqueles que enfocam as mudanças na virada do século XIX para o século XX, utilizaram estes trabalhos para compor um painel sobre as transformações urbanas enfrentadas pela pequena vila que cresceu rapidamente e se transformou em uma das maiores metrópoles mundiais. Os relatos memorialistas acabaram por se transformar em uma fonte privilegiada para os estudos históricos e urbanos sobre a cidade de São Paulo.

Segundo Ernani Bruno (1986) o memorialismo começou a se desenvolver em São Paulo no século XX, principalmente a partir de 1930. Este tipo de livro era publicado por poetas, romancistas e sobretudo por bacharéis e advogados, oriundos do Largo de São Francisco. Pessoas que nasceram ou viveram na cidade de São Paulo e procuraram registrar posteriormente sua vivência em forma de memória.

Este tipo de narrativa é constituído por relatos que procuram preservar a memória da cidade, buscando o passado em sua essência, caracterizando-se por descrições pormenorizadas, abrangendo pequenos detalhes da vida cotidiana. Os autores se colocam como observadores atentos da cidade, procurando descrevê-la em detalhes que escapariam e se perderiam no tempo. Apesar de termos estudos que enfocam a cidade desde a sua fundação, a maioria deles fixa-se nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. E o período em que essas memórias foram publicadas se concentra nas décadas de 1950 e 1960. Esse recorte cronológico não é fortuito e condiciona o tipo de relato que os memorialistas fazem da história paulistana. A cidade aparece muitas vezes nos relatos tendo como ponto focal as mudanças. Podemos perceber um misto de euforia pela mudança e o progresso com certa nostalgia pela perda da cidade antiga, tendo um forte caráter afetivo. Como diz Patrícia Brefe (1993: 25) em seu estudo sobre os relatos memorialistas:

“Desse modo, o eixo central que orienta os relatos memorialistas é a preocupação em dar conta das múltiplas mudanças pelas qual a cidade passava. Pode-se dizer que esses relatos, ao investirem intensamente na caracterização e descrição da São Paulo da virada do século XX, inventam e reinventam continuamente o espaço urbano, dotando-o de símbolos, marcos e identidades.”

Essa é uma marca característica deste tipo de relato e por isso o historiador deve ter o mesmo cuidado com esse tipo de fonte que caracteriza o trabalho com qualquer tipo de documento. O memorialista procura em seu relato trazer detalhes e descrições da realidade que ele viu e viveu, passando a idéia de alguém que foi testemunha viva de um período histórico. Para o historiador a relação entre passado e presente tem que ser encarada com todos seus paradoxos. Conforme Jacques Le Goff, “o passado e a memória não são história, mas seus objetos e um nível elementar de elaboração histórica.” (LEGOFF, 1990) As descrições que os memorialistas em determinados aspectos da cidade são importantes para caracterização da história da cidade, mas não apenas isso. Cabe ao historiador problematizar esses relatos inserindo-os em sua dimensão histórica, quer do momento que as memórias relatam, quer do momento em que são produzidas.

Conforme Patrícia Brefe, trata-se de uma invenção de um determinado momento da cidade através destes relatos memorialistas. Trata-se de desmontar essa trama discursiva, não apenas trabalhando com aquilo que o memorialista diz, mas como diz e sobretudo no que não diz. A narrativa memorialista não tem que ser tomada como um vestígio ou mero reflexo do real, mas uma fonte que tem que ser reelaborada pelo trabalho histórico.

Sob os mais variados aspectos os relatos desses memorialistas podem ser importantes, sobretudo para os pesquisadores, desde que tenhamos claro o caráter seletivo da memória e deste tipo de narrativa, como de resto qualquer outro tipo de fonte histórica. Para este trabalho, que não é uma pesquisa histórica, mas apenas um exercício de leitura com relatos memorialistas, tomamos dois autores importantes para a história da cidade, Jorge Americano e Jacob Penteadado. Procuraremos a seguir caracterizar a obra destes autores e os aspectos que tentaremos focar nesse exercício. Entre tantas descrições sobre os mais variados aspectos da cidade de São Paulo no período, escolhemos as questões referentes à alimentação.

2. São Paulo Naquele tempo e Belenzinho 1910

Estes são dois dos mais importantes relatos memorialistas sobre a cidade de São Paulo. Além de enfocarem período de tempo próximo (O bairro do Belenzinho em 1910, como diz o próprio título do livro, e o período entre 1895 a 1915 no caso de *São Paulo naquele tempo*), foram lançados em datas relativamente aproximadas: *São Paulo naquele tempo* em 1957 e *Belenzinho 1910* em 1962. Mas o enfoque dos dois livros é diferente, ao menos na questão geográfica, já que o livro de Jorge Americano se detém na região central, o "Triângulo"¹ e o relato de Jacob Penteadado em um bairro operário da zona leste de São Paulo.

Jorge Americano, um advogado como muitos dos memorialistas que se debruçaram sobre o passado da cidade, registra suas lembranças da infância e juventude em pequenas crônicas sobre assuntos variados. Dois aspectos chamam a atenção na narrativa de Jorge Americano, a descrição de costumes e aspectos cotidianos selecionados pelo autor e um certo mapeamento urbano da cidade de São Paulo no momento de grandes mudanças. E muitas vezes estes aspectos se misturam, mostrando a convivência e transformação de velhos hábitos diante do grande crescimento urbano. No capítulo "Cheiros que se sentiam" observamos uma curiosa mistura de vários tempos convivendo na cidade de então:

"De fumaça de lenha das locomotivas da Sorocabana, e de carvão de pedra, da São Paulo Railway. Cheiro acre de detritos de animais, nos estacionamentos de carros de aluguel. De capim-melado e capim-gordura. Cheiros vindos dos quiosques de mictórios. De água de moringa de barro. De tachadas de marmelada. Cheiro de suor azedo de imigrante. Dos tabuleiros dos peixeiros. Cheiro de alcatrão perto do Gasômetro (...)" (AMERICANO, 1962: 169-171)

Esses são alguns dos cheiros lembrados e selecionados pela memória e escrita de Jorge Americano, que denunciam não apenas a intensa mistura de períodos em uma cidade em processo de mudança, mas sobretudo a percepção de uma pessoa oriunda das camadas médias em uma cidade misturada com imigrantes, negros e paulistas "quatrocentões". O cheiro talvez seja uma das formas mais interessantes

¹ Triângulo é como a região formada pelas ruas Direita, Quinze de novembro e São Bento, na área central é conhecida. É considerada como o núcleo original da cidade de São Paulo.

de se mobilizar a memória, e essa amostra da lista de cheiros que Jorge Americano evoca, possibilitaria uma série de ilações em relação à percepção da cidade e seus habitantes em um contexto de crescimento e diversificação. Expondo claramente a perspectiva de seu ponto de vista sobre a vida urbana, Jorge Americano encerra seu relato da seguinte forma:

“Procurei mostrar a nossa vida média. Os ricos perpassam ocasionalmente e, dos pobres, aparecem naquilo em que a ilustram, os do serviço doméstico, operários, costureiras, caixeiros, vendedores ambulantes, mendigos, tipos de rua.” (AMERICANO, 1962: 422)

O recorte de classe parece claro, e mesmo a diferença do tratamento narrativo entre os pobres e os ricos. Em sua defesa Jorge Americano ainda afirma que “Não fiz crônica, nem romance, nem história, nem sociologia. Escrevi o que me veio à cabeça.” (AMERICANO, 1962: 423) Naturalmente cabe aos pesquisadores remontar essas memórias de acordo com a problemática histórica que julgam pertinente, desvendando a seleção, silêncios e recortes encontrados na narrativa.

Jacob Penteado, funcionário público, escritor e memorialista (que se tornou quase uma profissão), também foi buscar em sua infância aspectos da transformação urbana em São Paulo. Nesse caso a partir da década de 1910 e fora da região central de São Paulo. O enfoque sobre o bairro do Belenzinho é interessante, pois retrata a transformação de uma região de chácaras, uma estação climatérica como diz o autor, para uma área industrial com predominante presença de imigrantes, principalmente espanhóis e italianos.

A descrição do bairro e arredores mistura-se com lembranças do cotidiano e tipos humanos que povoaram a infância do memorialista. No caso de Jacob Penteado, os operários e seu cotidiano de trabalho tem um grande destaque no livro. Trabalho, anarquismo e greves aparecem nas lembranças do autor.

Claro que assim como em outros relatos deste tipo as memórias misturam momentos de estupefação com as mudanças rápidas na cidade e um ar de nostalgia com a lembrança doce da infância. Apesar de toda a descrição das duras condições de trabalho nas vidrarias, greves e outros problemas, Jacob Penteado diz que “o Belenzinho de antanho era habitado por gente pacata, inimiga de brigas, de maneira que a polícia tinha pouco trabalho, ali.” (AMERICANO, 1962: 264)

Claro que essa tranquilidade não impedia rivalidades entre barqueiros portugueses e italianos, nem a contravenção do Jogo do bicho, ou jogadores de futebol armados em campo. Devemos lembrar que a memória também apresenta suas contradições. E talvez isto torne este tipo de relato rico para o historiador.

Apesar de viver no bairro durante o início de seu período de transformação, Jacob Penteado mantém uma nostalgia. O bairro que conheceu não era mais a estação climatérica, mas um lugar de fábricas e imigrantes. E assim continuou durante o século XX, mas sofrendo outras transformações.

“O Belenzinho de hoje é bem diferente. Tornou-se um bairro como os demais desta megalópole. Chamá-lo, agora de climatérico até provocaria riso. Transformou-se num bairro industrial por excelência. Tudo se modernizou. Até os apitos das fábricas sumiram, sucedidos pelas sirenas. (...) Do velho Belenzinho só me resta agora uma profunda saudade.” (PENTEADO, 1962: 283, 284)

Os apitos de fábrica e as sirenas são manifestações de transformação e progresso, mas representam eras distintas. Apesar das diferenças no enfoque e na região da cidade, Jorge Americano e Jacob Penteadado tem em comum essa mistura de euforia com o progresso e nostalgia de um período da vida da cidade e de suas próprias vidas. Selecionando trechos sobre um tema específico: a alimentação, talvez possamos traçar uma comparação entre esses textos.

3. Memorialismo e História da alimentação

O que queremos apontar aqui é a possibilidade de utilizar textos de memorialistas para tratar de temas sobre a história da cidade de São Paulo, em especial aqueles relacionados às questões sobre a alimentação. Tem crescido estudos sobre este tema em seus mais variados aspectos. Desde estudos monográficos sobre alimentos específicos como açúcar, sal e pão, até estudos mais variados abordando outros aspectos em relação ao ato de comer. No campo da história (em particular no Brasil) estes estudos ainda são iniciais, mas já apontam aspectos interessantes. O tema da alimentação deve ser visto nesse caso não como um tipo de fonte específica nem como mais uma das "histórias" que fragmentam a área, mas um outro tipo de abordagem que pode ser útil no estudo da sociedade. A alimentação tem que ser vista como uma plataforma estratégica para abordarmos a sociedade que estudamos. Não se trata de um estudo da alimentação em si, mas da sociedade através da alimentação.

Vários enfoques são possíveis nessa área: biológico, econômico, social, cultural, antropológico, sociológico e geográfico. Como em outras áreas, a interdisciplinaridade é fundamental. No aspecto cultural, que nos interessa nesse caso, o ponto principal seria todo o aparato que se produz em torno do ato de se alimentar. Segundo Meneses & Carneiro (1997: 17)

"Este enfoque não ignora a necessidade física da alimentação, mas desloca decisivamente atenção dos alimentos para as formas de prepará-lo e, sobretudo, consumi-los como espaço de articulação de sentidos, valores, mentalidades, etc."

No caso das referências sobre alimentação presentes nos relatos de Jorge Americano e Jacob Penteadado, nos deparamos com uma gama variada de questões, como a economia, por exemplo. O problema do abastecimento é crucial, na medida em que ambos tratam de formas de acesso à alimentação, seja na venda de porta em porta, seja nos mercados. Também não podemos esquecer a questão da sociabilidade. No período enfocado pelos memorialistas, a cidade de São Paulo passava por uma grande transformação em seu espaço urbano que incluía a ampliação do hábito de se comer fora, não apenas nas atividades de rua que vinham de séculos anteriores, mas sobretudo no crescimento dos cafés e restaurantes. Essa mudança no cotidiano da cidade aparece com frequência nos relatos de vários memorialistas e viajantes na virada do século XIX para o século XX.

A alimentação sempre mereceu a atenção dos viajantes que passaram pela cidade de São Paulo. O francês Auguste de Saint Hilaire, em sua passagem por São Paulo na primeira metade do século XIX, fez uma descrição apurada do comércio de alimento na rua das Casinhas ou as negras escravas com seus tabuleiros pelas ruas da cidade. (SAINT HILAIRE, 1976) A presença da Faculdade de Direito no Largo São Francisco foi responsável pela vinda e estudantes de outros estados que fizeram vários relatos sobre a vida, então pacata, na cidade. Nesses relatos podemos perceber as mudanças que a cidade sofria, principalmente com o surgimento de

cafés, restaurantes e confeitarias freqüentados pelos estudantes. Com a transformação da área do Triângulo em região elegante, as antigas modalidades de comércio de rua descritas por Saint Hilaire e Antonio Egídio Martins, vão dando lugar às formas modernas de comércio de alimentação. Claro que o antigo comércio ainda sobrevivia, ainda que com mudanças no cardápio, com a chegada de levas de imigrantes europeus.

O afastamento tanto das quitandeiras quanto dos antigos mercados e matadouros da região central é uma questão importante que aparece frequentemente nos relatos dos memorialistas. Para qualquer estudo, não apenas sobre alimentação, sobre o período na cidade de São Paulo essas informações são preciosas. Claro que no escopo desse trabalho não pretendo abarcar todas essas questões, mas apenas demonstrar que os relatos memorialistas podem ser úteis, principalmente quando cotejados com outras fontes, para os mais variados estudos sobre a cidade de São Paulo, inclusive no tocante à alimentação, que nos interessa mais de perto.

A seguir procuraremos verificar algumas referências sobre esses temas presentes nos relatos de Jacob Penteado e Jorge Americano. Como tem um tipo de enfoque semelhante em áreas da cidade distintas, creio que poderemos traçar alguns aspectos sobre a alimentação nas ruas (centrais e periféricas) da cidade de São Paulo na virada do século.

Uma importante referência urbana de cidades como São Paulo são os mercados. Os primeiros mercados da cidade ficavam em uma posição periférica, nos limites da região do Triângulo. O comércio de alimentos seguia a zona oriental da cidade, se instalando justamente na região que separava a área original da cidade da região leste (onde fica o Belenzinho), a Várzea do Carmo localizada às margens do rio Tamanduateí (atual região do Parque D. Pedro II). O antigo mercado de peixes ficava nas escadarias do Carmo e o velho mercado na rua 25 de março. Enquanto comércio varejista ocupava a região do Triângulo, os atacadistas de alimentação se estabeleciam na várzea e posteriormente próximos às linhas férreas. Jorge Americano faz referências ao "Mercadinho" e Mercado Grande":

"Vamos descendo a ladeira. No lugar que é hoje fronteiro ao Correio, a Rua de São João (10 metros de largura), tinha, do lado esquerdo o Teatro Politeama (parede e telhado de folhas de flandres) e do lado direito o "Mercadinho" (parede e telhado de folha de flandres). (...) Quem partisse do Largo do Tesouro, esquina da Rua 15 de Novembro, descendo pela ladeira João Alfredo (hoje General Carneiro) encontraria lá em baixo, à direita, na esquina da Rua 25 de Março, o "Mercado Grande". O "Mercado Grande" sortia-se diretamente das chácaras dos subúrbios à margem da "Central do Brasil". (AMERICANO, 1962: 101, 102)

A despeito de enumerar alguns itens de alimentação vendidos nos respectivos mercados, o que parece interessante é a descrição geográfica feita por Jorge Americano. Reiterando a localização dos mercados nos limites da região elegante da cidade, na várzea. Claro que a região da atual avenida São João seria posteriormente agregada ao centro e os mercados afastados, mas nesse momento estavam fora, segregando este tipo de atividade. A diferenciação ainda era pequena, ao ponto do mercado e do teatro terem a mesma estrutura, ressaltada de forma interessante pelo autor. O Belenzinho aparece indiretamente, quando o autor faz referência às chácaras do subúrbio.

Para Jacob Penteado, a ida ao mercado não era apenas uma questão de "descer a ladeira" como para Jorge Americano. Segundo Penteado, "todas as semanas, eu e a tia Romana íamos ao Mercado Municipal, antes Mercado Grande, na Rua 25 de

Março, ao pé da General Carneiro, antiga Ladeira João Alfredo". (PENTEADO, 1962: 46)

Mais do que uma simples ida ao mercado, era um passeio, saindo do subúrbio para a área central. Essa relação dos moradores da periferia de São Paulo com a região central perdurou por muito tempo. A região central era denominada como "cidade", evidenciando a importância dos referenciais urbanos para boa parte da população.

A questão do abastecimento para moradores do Triângulo e do Belenzinho eram distintas. As chácaras da região leste eram responsáveis em parte pelo abastecimento dos mercados centrais. Segundo Jacob Penteado, no Belenzinho havia um pouso para os caipiras que vinham de sítios distantes da capital. No local aonde viria a ser construída a Vila Maria Zélia (vila operária do início do século XX) havia o Mercadinho dos Caipiras, uma espécie de entreposto comercial para os comerciantes que rumavam ao Mercado Central. Essa geografia do abastecimento de alimentos na cidade de São Paulo é importante para qualquer tipo de estudo sobre o tema.

A questão do abastecimento também aparece de forma interessante nos dois relatos, ressaltando as diferenças entre duas regiões distintas da cidade. Apesar da presença de mercados e as nascentes feiras, a região do Triângulo ainda tinha venda de produtos nas ruas. Jorge Americano falando sobre a empregada de sua casa, cita a venda de alimentos de porta em porta:

"Ela saía pouco de casa. As compras eram feitas na porta, aonde vinham os vendedores. Seu Domingos com ovos frescos e frangos; Seu José leiteiro; o menino de Seu Magalhães para saber as encomendas de armazém (...)" (AMERICANO, 1962: 40)

Mais do que uma descrição dos alimentos vendidos, Americano se preocupa com a sociabilidade da empregada que pouco saía de casa. Mas apesar de citar uma modalidade antiga de venda de alimentos, esta já era distinta do que acontecia em São Paulo dos séculos anteriores e mesmo de áreas como o Belenzinho. Mais do que a venda de produtos vindos de regiões mais ou menos distantes da capital, o que chama a atenção é a dependência dos moradores da região central de itens produzidos fora. Ainda no século XIX vemos relato da venda de produtos alimentícios não apenas produzidos nos quintais das residências, mas também através de atividades de coleta, caça e pesca feitas na própria região. O rio Tamanduateí, por exemplo, era um manancial para a obtenção de peixes que eram depois vendidos de porta em porta ou em petiscos vendidos por quitandeiras nas ruas. No início do século XX essa já era uma realidade distante. O abastecimento no Belenzinho era favorecido pela proximidade das chácaras, como nota Jacob Penteado:

"Os verdureiros das chácaras vizinhas ou da 4. ou 5. Paradas traziam seus carrinhos transbordantes de frutas, legumes e verduras, estas, a tostão o maço. Marmelo, hoje tão difícil de encontrar e tão caro, era vendido a granel. Por apenas quinhentos réis, minha mãe enchia o avental ou a cesta. Cozinhava-os em calda. Fazia compotas que duravam semanas. Nas chácaras, e mesmo nos quintais vizinhos, por duzentos réis, deixavam-me trepar nas goiabeiras ou nas ameixeiras, comer à saciedade e levar o que podia. Bons tempos". (PENTEADO, 1962: 90)

No Belenzinho a proximidade do rio Tietê ainda limpo e com a vizinhança inabitada, favorecia a pesca, que já havia sido prática comum na região central através do rio Tamanduateí no século XIX. Como lembra Jacob Penteadado:

“As margens do Tietê eram sombreadas por frondosas árvores, onde pontificavam os ingazeiros, que nos forneciam seus frutos, em forma de vagem, açucarados e deliciosos. Os córregos que nele desaguavam, principalmente o Tatuapé, também apresentavam rica fauna ictiológica. (...) Os cascudos (peixes que não se pegam com anzol) eram encontrados nas cavidades das pedreiras que juncavam os rios, especialmente pelas bandas de além Tatuapé.” (PENTEADO, 1962: 146)

Claro que devemos ter cuidado com essas lembranças de tempos de fartura que aparecem nas lembranças tanto de Jorge Americano quanto de Jacob Penteadado. Essa questão do abastecimento através de chacareiros e mesmo a pesca e coleta que sobreviveu nas áreas periféricas durante o século XX, não pode ser confundida com tempos de fartura. As dificuldades para as classes mais pobres eram enormes. E muitas dessas pessoas eram justamente as responsáveis pelo abastecimento de famílias como as de Penteadado e Americano. Historiadoras como Maria Odila (1995) e Maria Inês Borges Pinto (1994) estudaram o cotidiano dessas pessoas desde o século XIX. A principal ocupação de escravos (e ex-escravos), além de outras pessoas pobres (imigrantes ou não) era a atividade de vendedores ambulantes pelas ruas de São Paulo. Seja vendendo alimento pronto nas ruas, seja vendendo víveres de porta em porta, essas pessoas enfrentavam a dura realidade da pobreza, bem distante da imagem nostálgica de alguns memorialistas.

Jorge Americano enfoca esses vendedores de rua pelo lado que suas memórias evocam, os sons do pregão, ou a relação da empregada de sua casa que nunca saía, mas tinha notícias por intermédio de uma grande variedade de vendedores que eram fornecedores habituais: leiteiro, açougueiro, padeiro, vendedor de ovos e galinha, etc. Jorge Americano dedica um capítulo inteiro aos vendedores ambulantes, que certamente marcaram a sua infância. Essa gente pobre que percorria a cidade marcava um tipo de sociabilidade, com seus produtos, seus sons e sotaques. Claro que não devemos esperar nesses relatos informações maiores sobre essas pessoas. Como afirma o próprio Jorge Americano na conclusão do livro, “Procurei mostrar a nossa vida média. Os ricos perpassam ocasionalmente e, dos pobres, aparecem naquilo em que a ilustram.” (AMERICANO, 1962: 422)

Mas a aparente invisibilidade dessas pessoas, que apenas passam pelas ruas vendendo seus produtos, pode ser reveladora para o estudioso do tema. Como ressaltamos anteriormente, as omissões, ausências e a sombra podem ser reveladoras dessa sociedade em relação às pessoas mais pobres. Esse sentimento de distância e estranhamento fica claro quando Jorge Americano se refere a um casal de italianos que vendiam frango e ovos:

“Era um estranho casal de italianos. Nunca lhes soubemos o nome. Ele carregava um jacá de frangos nas costas. Ela trazia dois cestos de ovos, um em cada braço. (...) Ele gritava: Frango gordo, ovo fresco, ovo fresco! Depois começava a invectivar. Dizia coisas que a gente não entendia. (...) Caminhavam em silêncio durante meio quarteirão. Ninguém chamava. Ninguém comprava. A mulher resmungava. Ele enfurecia. Invectivava. Dizia coisas que ninguém entendia. Minha mãe tinha pena dela. Eu também, mas achava que quando ele se enfurecia ela devia ficar quieta. Não interessava apurar

quem tinha razão. Não interessava. Interessava ficar em paz.”
(AMERICANO, 1962: 168)

A atividade de venda nas ruas era difícil, evidenciando luta pela sobrevivência de imigrantes pobres. O tipo de serviço de porta em portas e de alimentos (produzidos em sua maioria em chácaras, hortas, pescados no Tietê) mostra um momento em que apesar de seu crescimento, o abastecimento de alimentos ainda não era industrializado. Os alimentos eram frescos (vindo dos arredores) ou transformados em conserva em casa. A indústria alimentícia propriamente dita ainda estava em seu início, como no caso das latas de banha vendidas por Francisco Matarazo a domicílio. Na região central, a reorganização deste tipo de comércio tinha começado com o deslocamento dos mercados e matadouro, mas ainda sobrevivia com os vendedores ambulantes.

Também no Belenzinho os vendedores ambulantes circulavam pelas ruas vendendo todo tipo de produto, principalmente alimentos, tentando sobreviver. O tom dado por Jacob Penteadado é o mesmo apresentado por Jorge Americano, são tipos pitorescos que coloriam as ruas do bairro. Como podemos perceber nesse trecho:

“A preta Bernardina era outro elemento decorativo do bairro. Falava, ou melhor resmungava, numa algaravia que parecia haver algo de africano. Carapinha completamente branca, sempre com seu pito de barro à boca, gostava de tomar seus tragos. (...) Todos tinham pena dela e davam-lhe comida e alguns níqueis. Dormia nos casebres do preto Barnabé, na Rua Conselheiro Cotegipe.” (PENTEADO, 1962: 206)

Bernardina, provavelmente ex-escrava, não tinha nem a possibilidade de viver da venda de alimentos nas ruas como as antigas quitadeiras do centro. Esse tipo de atividade havia sido expulso da região central, mas ainda sobrevivia clandestinamente nas áreas periféricas da cidade. Para Bernardina, restava o papel decorativo e a sobrevivência difícil por intermédio da pena alheia. Por outro lado, as vendas de alimentos e outros produtos nas ruas atraía o grande número de imigrantes que chegava à cidade de São Paulo entre o final do século XIX e começo do século XX. Em bairros com grande presença de imigrantes, como o Belenzinho, havia uma profusão de pregões vindos dos mais variados imigrantes. Tripeiros bareses, vendedores de amendoim, sorveteiros, cegos portugueses tocando guitarra. Ou gente como os espanhóis, que segundo o autor, “constituíam uma fauna a parte.” (PENTEADO, 1962: 208, 209)

Se no Belenzinho o problema do abastecimento era resolvido ali mesmo nos quintais, ou nas chácaras vizinhas, o que mais chama a atenção no relato de Penteadado é a profusão de vendedores ambulantes com alimentos de outros tipos, como sorvetes, castanhas assadas, doces, etc. Enquanto na região central esse tipo de comércio foi sendo afastado, em prol de cafés, restaurantes, confeitarias e quiosques, nos subúrbios essas guloseimas faziam a alegria dos moradores. Ainda que os vendedores (imigrantes e negros em sua maioria) causassem estranhamento na perspectiva de pessoas como Jorge Americano e Jacob Penteadado. De qualquer forma, essas pessoas voltavam para suas moradias, talvez ainda mais distantes, sobrevivendo sabe-se lá como. Restou deles a lembrança nostálgica dos memorialistas.

Os dois autores ainda rememoram uma cidade com um certo ar rural. Mesmo a venda de alimentos a domicílio começa a recuar aos poucos no decorrer do século XX. O comércio de abastecimento de alimentos que era feito por quitadeiras e caipiras que traziam seus produtos dos arredores para serem vendidos em portinhas ou nas ruas, passavam a ser centralizados no mercado central construído

na antiga Várzea do Carmo (atual Parque D. Pedro II). E mesmo o comércio de venda de alimentos prontos para serem consumidos nas ruas, também se transformava. Na região central as pequenas vendas e mercearias vão dando lugar aos cafés, restaurantes e confeitarias. Jorge Americano menciona esse tipo de estabelecimento:

“Sugeriram-me também que dissesse coisas sobre a vida boêmia, a Confeitaria “Progredior” da Rua 15 de Novembro (que substituiu a “Paulicéia”, e depois se tornou na casa tal e tal outra); sobre o Café Guarani, o Café Acadêmico, o Bar do Teatro Municipal, clubes elegantes, pensões chiques e uma quantidade de confeitarias e bares. Mas o que sei é que se tomavam chopes, que algumas rodas varavam a noite formando torres de pratinhos (cada pratinho representava um chope), que em outras o mármore da mesa ficava cheio de caricaturas, desenhos e sonetos.” (AMERICANO, 1962: 422, 423)

Jorge Americano mostra um certo desprezo pela vida boêmia que crescia no centro. Outros memorialistas, estudantes da Faculdade de Direito e freqüentadores desses estabelecimentos, se encarregaram de descrever esses locais exaltando a intensa vida noturna que começava a despontar em São Paulo. A região central que Americano descreve, das famílias, estava desaparecendo. O comércio elegante e a vida boêmia começavam a ocupar o espaço. Os antigos tabuleiros passam a dar espaço para restaurantes e outros comércios de alimentos mais elegantes. Quanto ao Belenzinho, a sociabilidade estava nas ruas, onde as famílias passeavam, no velho rio Tietê e em cinemas do vizinho bairro do Brás. Tudo animado pela intensa movimentação de imigrantes, negros e trabalhadores pobres em geral.

4. Considerações Finais

Esse trabalho é apenas um esboço de algumas questões sobre aspectos alimentares presentes nos livros de Jorge Americano e Jacob Penteadado. Como afirmamos no início, não podemos tomar as obras memorialistas como descrições fiéis da realidade que procuramos estudar. Esse tipo de obra deve ser encarado como qualquer outra modalidade de fonte utilizada: documentos oficiais, jornais, fotografias, etc. Temos de prestar atenção para dois tipos de registros: informações variadas sobre determinada época e cidade e o crivo seletivo da memória dos autores.

No caso dos autores estudados, apesar da localização geográfica distinta (região central e Belenzinho), temos um tipo de registro parecido. São dois autores oriundos das camadas médias da sociedade preocupados com o registro da vida cotidiana no início do século XX. Por outro lado, pequenas observações sobre outros temas e mesmo as omissões e ausências são igualmente importantes para o historiador. Há uma similaridade de ponto de vista quando pensamos na origem dos autores, mas uma distinção em relação ao local de moradia. No período enfocado, havia uma grande diferença entre a região central e o Belenzinho (chamado por Jorge Americano de subúrbio). Estava em curso um deslocamento das camadas populares para a região leste, local de fábricas e das primeiras vilas operárias. E por outro lado o deslocamento das moradias das elites para o eixo sudoeste da cidade (Campos Elíseos, Higienópolis e avenida Paulista).

O que podemos perceber com os relatos dos autores é o momento decisivo de grandes mudanças urbanas que estava acontecendo na cidade de São Paulo. Entre

o final do século XIX e início do século XX, a cidade passa por um intenso processo de transformações urbanas que muda a face rural da antiga cidade. A região central passa por mudanças mais radicais como podemos perceber no relato de Jorge Americano. E mesmo o bairro do Belenzinho, que ainda permanecia com ares rurais em 1910, com vendedores de alimentos nas ruas, peixes sendo pescados no rio Tietê, etc, também enfrentava os ventos das mudanças.

Os relatos dos memorialistas nos ajudam a entender um pouco melhor as relações dessa cidade em processo de transformação com os alimentos. O tom nostálgico utilizado nos relatos mostra justamente uma cidade que desaparecia para outra tomar seu lugar. Neste tipo de relato, a alimentação parece ter um papel fundamental como catalisador de lembranças do cotidiano. Cheiros, sabores e comportamentos são mobilizados nos relatos dos memorialistas como símbolos de uma cidade em processo de transformação. Mas, como em toda mudança, muitas dessas práticas e gostos ainda sobreviveriam. Mesmo que em nosso imaginário.

Referências

AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo: 1895-1915**. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

BANDEIRA JUNIOR, A F.. **A indústria no estado de São Paulo em 1901**. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1901.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **A cidade inventada**. A paulicéia construída nos relatos memorialistas (1870-1920). Dissertação e mestrado em História, Unicamp, 1993.

BRUNO, Ernani Silva. **Histórias e tradições da cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991 (3 volumes)

BRUNO, Ernani da Silva. **Almanaque de memórias**: reminiscências, depoimentos e reflexões. São Paulo, Hucitec, 1986.

DAECTO, Marisa Midori. **Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

DIAS, Maria Odila Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.

MARTINS, Antonio Egydio. **São Paulo antigo, 1554-1910**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção São Paulo; 4). 1. edição 1911/1912.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de, CARNEIRO, Henrique. A História da Alimentação: balizas historiográficas. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Série v. 5, p. 9-91, jan./dez. 1997

PENTEADO, Jacob. **Belenzinho 1910** (retrato de uma época). São Paulo: Martins, 1962

PINTO, Maria Inês Borges. **Cotidiano e sobrevivência**: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1994.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo, São Paulo: Fapesp: Studio Nobel, 1997.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem á província de São Paulo**. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/ Itatiaia, 1976.

SANT`ANNA, Nuto. A rua das casinhas. São Paulo, **Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo**, vol XIV, p. 86.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes. Por uma história da alimentação. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 14, n. 26/27, p. 154-171, jan./dez. 1997.

SCHMIDT, Afonso. **São Paulo de meus amores**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção São Paulo; 1). 1ª edição 1954.

Recebido em 22/4/15 e Aceito em 11/9/15.